

# RENOVAR O VELHO processo escolar

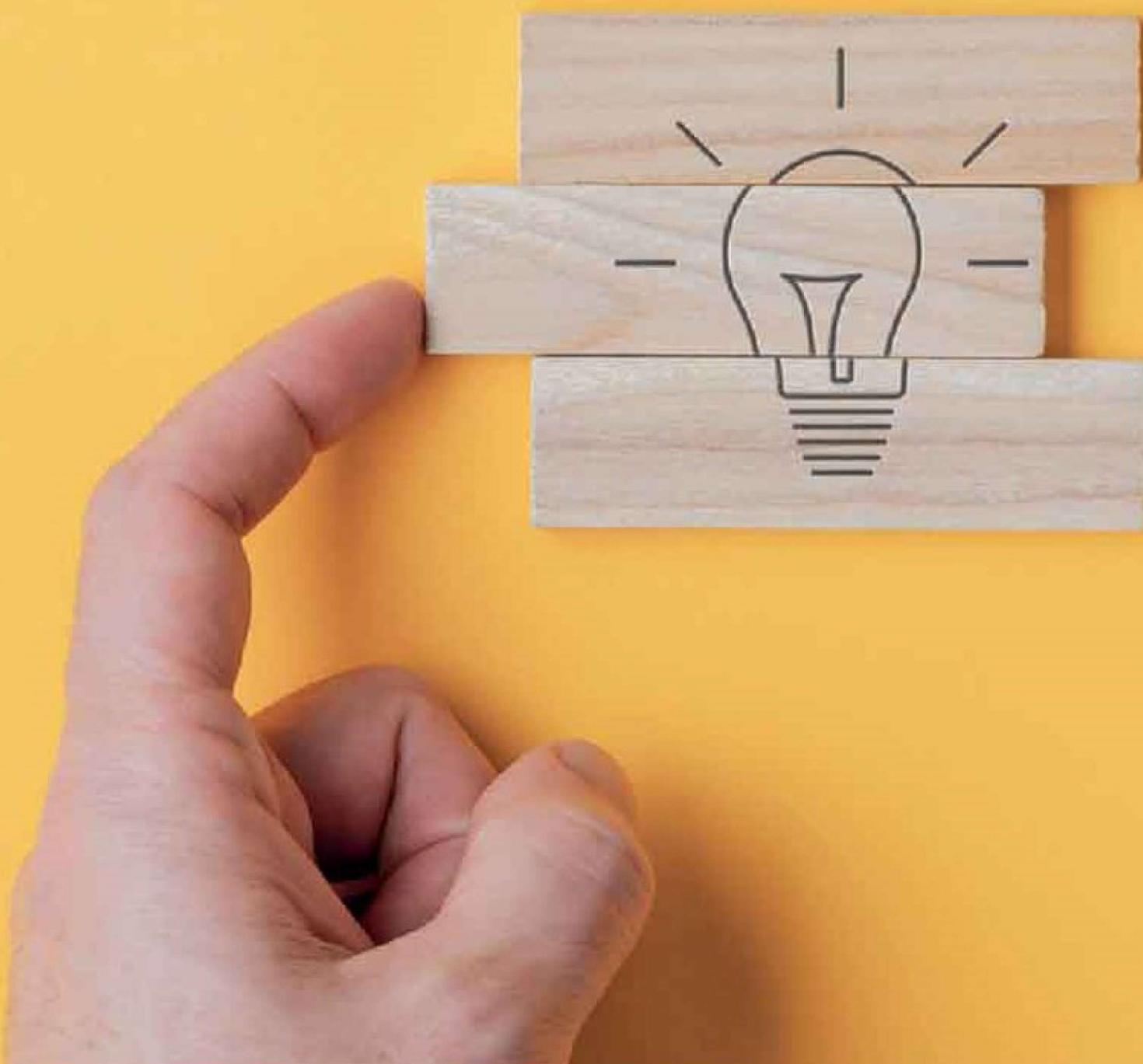
**Modalidade que ganhou destaque na pandemia existe há pelo menos duas décadas. Seu foco não é só no uso digital para a aprendizagem, mas na adoção de metodologias ativas que de fato estimulem os alunos**

| POR PAULO DE CAMARGO

**A**o longo da pandemia, a expressão “novo normal” ficou célebre. Diante do impacto sistêmico da covid-19, com a perplexidade que causou, foram projetadas transformações duradouras ou permanentes nas configurações do trabalho, da mobilidade, do convívio humano. Na educação, esse “novo normal” já tem nome e sobrenome: educação híbrida. Em muitos países, forma-se o consenso de que é imperativo construir uma

pedagogia que alterne e integre, de forma intencional e planejada, a educação presencial, com o professor, e aprendizagens realizadas com autonomia pelos alunos, em grupos ou individualmente, de forma síncrona ou assíncrona com o tempo de aula.

Não se trata propriamente de uma novidade: a educação híbrida tem já uma história de pelo menos duas décadas, como tentativa de renovar o velho modelo escolar baseado na aula expositiva e na audiência passiva e calada formada por alunos enfileirados





e aborrecidos. Mas, nova é a inevitabilidade do processo: sem poder receber todos os alunos de uma só vez — e por período indeterminado —, as escolas se veem às voltas com a necessidade de alternar atividades a distância e o trabalho na escola, com a evidente dificuldade logística decorrente, uma vez que o mesmo professor tem de ensinar quem está além e aquém da tela.

Calma lá, é preciso fazer um primeiro alerta. A educação híbrida é algo maior do que alternar virtual e presencial, escalonando aulas tradicionais. “Não é uma questão de lecionar para alunos que frequentam ou não a escola, mas de desenvolver metodologias apoiadas pela tecnologia que descentralizem de fato o papel do professor e estimulem a autonomia do aluno”, defende a escritora Lilian Bacich, diretora da Triade Educacional e uma das mais procuradas especialistas brasileiras nesse tema.

Em um modelo assim, é possível uma nova organização do espaço e do tempo educativo. Enquanto o professor atua diretamente com um pequeno grupo de alunos, outra turma trabalha sobre seus projetos em casa, no laboratório, na biblioteca ou na mesma sala. Já um terceiro time se ocupa de produzir um vídeo, uma maquete e um quarto aluno navega em uma plataforma... as formações são muito diversas, e dependem, como tudo na escola, da intencionalidade educativa da proposta, do apoio do gestor, do planejamento do professor.

Não parece simples, e tampouco o é. Mas parece uma oportunidade preciosa para que as escolas atualizem seu propósito no mundo contemporâneo — e os professores já demonstraram que podem dar conta do recado.

**“As instituições que mais têm dificuldades nesse processo são aquelas que não se prepararam para descentralizar de verdade o papel do professor, e formam alunos pouco autônomos e dependentes”**



Reprodução

Cultura escolar no Brasil isola a criatividade. É preciso explorar habilidades, alerta Lilian Bacich

A primeira onda de transformações veio com o isolamento, e os docentes deram um admirável salto na proficiência de uso de ferramentas tecnológicas para assegurar as aulas a distância. Mas este foi apenas o primeiro passo. Agora é preciso redesenhar o processo pedagógico para além da emergência, pois não mudaram apenas horários e rotinas: paradigmas históricos da escola sofreram rachaduras difíceis de reparar.

“As instituições que mais têm dificuldades nesse processo são aquelas que não se prepararam para descentralizar de verdade o papel do professor, e formam alunos pouco autônomos e dependentes”, diagnostica Lilian Bacich. Para ela, nesse campo, as escolas não andaram nem um terço do caminho necessário.

Não é fácil porque são mudanças culturais, e não apenas tecnológicas ou didáticas. Em países que fizeram essa virada, como Finlândia ou Canadá, os alunos trabalham tanto quanto os professores durante as aulas. No Brasil, a ação frequentemente se resume a aulas expositivas e, quando muito, lições de casa repetitivas.

Outro obstáculo, segundo a especialista, é a dificuldade de se lidar com o erro. “É claro que mudanças como essas não dão certo na primeira tentativa. Precisamos aceitar o erro como parte do processo formativo”, diz Bacich. Por fim, é preciso deixar de lado receitas prontas, tão ao gosto das escolas brasileiras, para construir comunidades de aprendizagem, nas quais os



professores estudam juntos e trabalham em equipe — e, sim, geram conhecimento. “Evidentemente, há um repertório de experiências que podem ser inspiradoras, mas a mudança precisa ser construída de dentro para fora”, enfatiza.

DESAFIOS E OPORTUNIDADES

Não são apenas as circunstâncias da pandemia que determinam essa transição: estão em curso, por todo o mundo, reformas que trazem em seu coração os mesmos parâmetros pedagógicos presentes na educação híbrida: elevada autonomia dos alunos, novo lugar do professor, foco no desenvolvimento de competências, cultura digital, criatividade e um ensino mais conectado à vida real.

No Brasil, essas mudanças inspiraram iniciativas que, polêmicas no início, já se encontram em plena fase de implantação, como a reforma do ensino médio e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Temas como itinerários formativos, projetos de vida, formação técnico-profissional articulam-se plenamente com os princípios da educação híbrida.

**Em países que fizeram essa virada, como Finlândia ou Canadá, os alunos trabalham tanto quanto os professores durante as aulas. No Brasil, a ação frequentemente se resume a aulas expositivas**

Por isso, para a pesquisadora Maria Helena Guimarães Castro, presidente do Conselho Nacional de Educação (CNE), a educação brasileira está diante de um desafio, sim, mas também de uma chance de avanço. “A pandemia foi um desastre em todos os sentidos, mas conseguiu quebrar resistência ao uso da tecnologia e mostrar que não existe um caminho sem o professor”, diz Maria Helena.



Gustavo Morita / tirada antes da pandemia

Diferentes ferramentas para avaliar já fazem parte da rotina do Porto Seguro



Para ela, a educação híbrida é uma nova abordagem que traz consigo a possibilidade de um uso mais intensivo das chamadas metodologias ativas. “Essa é uma tendência global e vai mudar a concepção da educação tradicional”, prevê. Nesse modelo, conforme explica, será possível complementar as atividades presenciais com projetos, produções em grupo, experiências que promovam competências como colaboração, comunicação, pensamento crítico, criatividade e empatia. Novos recursos digitais podem ajudar a educação a caminhar para modelos mais personalizados e adaptados ao perfil de cada estudante.

Para Maria Helena, a educação híbrida deve apoiar a implantação definitiva da BNCC, bem como a reforma do ensino médio. Por isso, o CNE acaba de criar uma comissão para regulamentar a educação híbrida no ensino básico, que, para ela, não pode estar sujeito às mesmas regras que já delimitam a educação a distância. Um dos objetivos é garantir que não haja uma inversão total dos modelos. “A educação híbrida jamais poderá ser 100% online, pois supõe a mediação permanente dos professores e a interação com os alunos entre si e com os educadores”, diz a presidente do CNE.

A comissão deve terminar até o final do ano um parecer que possa subsidiar uma resolução a ser debatida pelo Conselho. “Vamos ter muito trabalho pela frente, pois temos de rever a legislação em vigor, que não tinha o híbrido como abordagem permanente”, considera.

Com isso, Maria Helena prevê que o modelo híbrido deve ter um papel central na implantação dos itinerários formativos, um dos dispositivos que pretendem transformar o ensino médio, flexibilizando o currículo com trilhas de aprendizagem organizadas em função dos interesses dos alunos, em quatro áreas: investigação científica, processos criativos, mediação e intervenção sociocultural e empreendedorismo.

### ACESSO À INTERNET

Como todas as ideias promissoras, a educação híbrida também precisa do necessário choque de realidade. A pandemia pôs em primeiro plano a doença mais grave do sistema educacional brasileiro – a sua profunda desigualdade. Assim, enquanto um grupo seleto de escolas já se prepara para avançar no híbrido, a imensa maioria se vê às voltas com problemas



Marcelo Camargo / Agência Brasil

Katia Smole tem estudado os impactos da educação remota e como repará-los

tão básicos quanto haver ou não uma conexão à internet ou dispositivos para acessá-la. Por isso, se as discussões pedagógicas caminham velozes, mais rápidas precisam ser ainda as iniciativas para garantir condições de trabalho para professores e alunos de 138 mil escolas públicas brasileiras.

Segundo os dados mais recentes do Censo Escolar, 68% das escolas públicas de ensino fundamental 1 não têm acesso à internet. A melhor situação é a do ensino médio, onde perto de 67% das escolas têm acesso à rede. Mas não basta haver sinal: é preciso qualidade da conexão e acesso pelos alunos, mesmo fora do espaço escolar.

Há pressão para que o governo aplique os recursos do bilionário Fundo de Universalização dos Serviços de Telecomunicações (FUST), criado afinal para este fim, e para que o futuro leilão do 5G traga soluções para a educação. Por enquanto, nenhuma boa notícia à vista.

Os desafios não se esgotam aí. A desigualdade foi aprofundada pela pandemia em um grau que ainda não é possível estimar. Nos últimos meses, a pesquisadora Katia Smole, diretora do Instituto Reúna e que já foi secretária de Educação Básica no MEC (Ministério da Educação), vem se dedicando a estudar os efeitos do período da educação remota, bem como estratégias de reparação, como a chamada aprendizagem prioritária.



Segundo Smole, começam a surgir os primeiros estudos internacionais, entre eles, um realizado na Holanda, segundo o qual os alunos de sete a 11 anos apresentaram uma queda de 15% na aprendizagem de matemática. Embora também acredite no potencial da educação híbrida, a pesquisadora defende a urgência do estudo do impacto da pandemia para a construção de políticas para os alunos que não aprenderam o essencial.

Países que sofrem com terremotos e nevascas, como Chile, Japão, Canadá, Finlândia, já debatem o chamado currículo prioritário há muito tempo, pois lidam com a intermitência. No Brasil, essa é uma discussão nova: já que não é possível cobrir tudo, o que deve ser ensinado durante o período da educação remota? E como lidar com mais de 5 milhões de alunos que sequer tiveram aulas remotas em 2020? “Temos crianças que deixaram de ter aulas no 1º ano do ensino fundamental e deverão voltar à escola apenas no 3º ano. O que terão aprendido?”, preocupa-se Katia Smole. O Instituto Reúna vem avançando nessa discussão, criando Mapas de Foco, que se concentram em aspectos fundamentais da BNCC.

É esse o contexto com o qual o Brasil real se depara na chegada da onda da educação híbrida. Há muito a fazer — o que provoca a mobilização de pessoas e organizações sociais. Fazendo parte desse esforço, a

**“A pandemia foi um desastre em todos os sentidos, mas conseguiu quebrar resistência ao uso da tecnologia e mostrar que não existe um caminho sem o professor”**

ex-presidente do Inep, Maria Inês Fini, acaba de criar a Associação Nacional de Educação Básica Híbrida (Anebhi), entidade sem fins lucrativos para apoiar o desenvolvimento da educação híbrida em todas as etapas e modalidades da educação básica. “Atendemos a todos, de professores a secretários da educação”, diz Maria Inês Fini, considerada uma das grandes especialistas brasileiras em avaliação. Para ela, seria um erro achar que o ano de 2020 foi perdido. “De repente, no ano passado, a sala de visita dos professores virou uma sala de aula e tudo mudou. Eu achei que levaríamos uma década, mas vivemos agora um momento de ruptura”, acredita Fini. Para isso, no entanto, ela alerta que é preciso apoiar o professor e investir em uma formação ampla, que atenda aos quatro pilares que considera principais: o gestor, que cria condições para o novo ecossistema de aprendizagem; o professor, a família e o aluno. Segundo Maria Inês, a mudança cultural não depende apenas dos docentes, mas de mudanças na mentalidade de pais e dos alunos, acostumados a um modelo da aula tradicional.

## NA PRÁTICA

Essa realidade já vem sendo vivida por muitas escolas brasileiras, que avançaram em direção ao novo modelo. O Colégio Pentágono, na capital paulista, investiu em formação para todos os professores no campo da aprendizagem baseada em projetos e outras metodologias ativas, e promove a troca de experiências entre os docentes. Muitos já experimentam dar aulas mais curtas, com a alternância de grupos e diversificação de estratégias. Em biologia, por exemplo, a resolução prévia de um exercício é um dos indicadores que o professor considera para a divisão dos grupos virtuais e presen-

Divulgação



Bruno Alvarez, do Colégio Pentágono: era do professor “showman” está no fim



ciais, levando em conta os conhecimentos prévios das turmas. Para o educador Bruno Alvarez, coordenador pedagógico no Pentágono, a era do professor “show-man” está no fim. “A centralidade deve ser do aluno, ele é o protagonista”, diz.

Na educação híbrida, também, a avaliação necessariamente deve avançar do modelo somativo (das médias aritméticas, aferidas em testes e provas) para os formativos, que levam em conta o processo e o produto como parte do processo de aprendizagem.

A diversidade de instrumentos avaliativos é muito importante. No também paulista Colégio Porto Seguro, que já utilizava avaliação por portfólios, o movimento ganhou ainda mais força, explica Joice Lopes Leite, diretora de educação digital. Mapas conceituais, publicações no Instagram, roteiros, sínteses, desenhos, trilhas gamificadas, produções das mais diversas hoje são consideradas para avaliar o desenvolvimento do aluno, além de provas no modelo mais tradicional, que continuam tendo seu lugar.

O Colégio Rio Branco, em SP, começou ainda antes da pandemia uma experiência diferenciada, que agora rende frutos — um ciclo final dedicado a projetos. Desde 2019, os alunos têm, além dos três ciclos regulares, um quarto denominado Síntese. Nesse ciclo, os alunos que não atingiram a média da escola e os que atingiram dividem-se em dois grupos, denominados de aprimoramento e de consolidação, o que permite uma abordagem mais adequada para o momento dos alunos. Passam, então, a trabalhar com projetos e roteiros de aprendizagem personalizados e os professores se dedicam a orientá-los.

Projetos como esse têm ao menos um denominador comum: a construção de alunos mais autônomos, que não precisem da atenção permanente do professor, mais capazes de construir seus percursos a partir dos próprios interesses. “Falar de educação híbrida é falar de autonomia do aluno, seja no presencial ou no remo-

**Em um modelo assim,  
é possível uma nova  
organização do espaço  
e do tempo educativo**



Divulgação

Daniele Fontes, do sergipano Colégio Amadeus, revolucionou suas aulas

to. É o único caminho”, destaca a diretora do Rio Branco, Esther Carvalho.

Isso se refere a todas as idades e também às diferentes disciplinas. A professora de educação física Daniele Fontes, do Colégio Amadeus, em Aracaju, se encantou com as formações sobre metodologias ativas e revolucionou seu próprio trabalho. Além das orientações sobre corpo e movimento, durante o período de educação remota e no retorno das aulas presenciais, a professora também vem trabalhando com seus alunos com temas como nutrição e outros conteúdos importantes para a qualidade de vida, utilizando estratégias da educação híbrida, como a rotação por estação (uma espécie de circuito dentro da sala de aula) e o laboratório rotacional, em que o professor organiza atividades complementares realizadas de forma simultânea, sendo uma delas com mediação da tecnologia. Para isso, vem pesquisando ferramentas tecnológicas para editar vídeos, gamificar atividades, realizar brincadeiras tipo quizz, levantar feedback, e assim consegue manter os estudantes mobilizados para o tema. “Os alunos não aprendem da mesma forma e se buscarmos ao máximo alcançar a realidade deles aprenderão mais”, diz. Além de se realizar com a aprendizagem dos alunos, Daniele Fontes também se orgulha por mostrar a importância de uma disciplina que frequentemente é desvalorizada no meio escolar.